

O CARÁTER MEMORIAL DE INTERAÇÕES NA *FAN* *PAGE* “MARIA DO RESGUARDO”

Rafaella Prata Rabello¹
Daniella Lisieux de Oliveira²
Christina Ferraz Musse³

RESUMO:

Neste trabalho analisa-se a formação de memórias a partir de interações dos membros da *fan page* “Maria do Resguardo” no *Facebook*. Este espaço virtual promove trocas e relações entre os atores sociais que realizam postagens de fotos antigas da cidade da Zona da Mata Mineira, Juiz de Fora. Por meio da metodologia da etnografia virtual foram reunidas fotografias da *fan page* “Maria do Resguardo”, fundada em 2009 e com 2.432 membros até o momento. Objetivou-se desvelar as múltiplas representações de Juiz de Fora expostas nas fotografias postadas pelos interagentes, baseadas na memória e no imaginário das pessoas, como referências fundamentais para a habitação desta “cidade imaginária” reconstruída na rede social. Analisando-se comentários, compartilhamentos e postagens, identificou-se que os participantes da *fan page* utilizam-na como forma de saudosismo em relação ao patrimônio da cidade.

Palavras-Chave: *Comunicação; Memória; Facebook; interações; afetos*

¹ Mestranda da linha "Comunicação e Identidades" do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Jornalista pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e graduanda do 10º período de Letras pela UFJF, e-mail: rafaella_prata@hotmail.com.

² Mestranda da linha "Comunicação e Identidades" do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Marketing e Negócios e jornalista pela mesma instituição, e-mail: daniella.lisi@yahoo.com.br.

³ Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora da UFJF no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, e-mail: musse@terra.com.br.

Introdução

Ao postar fotos antigas no *Facebook*, a *fan page* “Maria do Resguardo”⁴, criada em torno do tema “fotografias antigas de Juiz de Fora”, cria um laço comum: o da ressignificação espacial da memória da cidade, suas ruas, suas instituições e seus lugares. Essa memória visual e ao mesmo tempo lírica é atizada pelas fotografias apresentadas, permitindo a manipulação e a reprodução de imagens. A utilização do álbum com 573 imagens atende a sua finalidade tradicional: reescrever a história da cidade através de interações que revelam afetividades. Elas são fruto da lembrança e do esquecimento das pessoas em relação à urbe pretérita. Os habitantes buscam encontrar no álbum as figuras, tempos e espaços que constituem a pequena história pessoal de cada membro, mas que pertencem à memória coletiva da cidade. É necessário lembrar que a *fan page* “Maria do Resguardo” derivou dos trabalhos do blog “Maria do Resguardo”⁵, criado em 2009, na cidade de Juiz de Fora, MG. O blog disponibiliza 5000 imagens, tem 183 membros e possui mais de 220 mil acessos (RABELLO; MUSSE, 2012, p.1).

Ao escolher trabalhar com *fan page* na rede social *Facebook*, optou-se por utilizar um novo instrumento de comunicação e interação entre as pessoas. Segundo dados divulgados pelo *Facebook* sobre a sua versão brasileira, são postados ao mês 460 milhões de fotografias nessa rede social⁶. Nesse artigo, nos interessa entender a dinâmica do *Facebook* enquanto a representação virtual da interação dos atores sociais na realidade. Para Raquel Recuero (2009) nas redes sociais sempre há capital social gerado pelas apropriações coletivas. Se as pessoas repassam é porque algo ali chama a atenção. A rede é fundamental para os laços sociais, sua criação e manutenção. E nessa rede, a memória individual dos sujeitos se torna a memória da cidade e está é demonstrada nas postagens. As manifestações atuam no reavivamento dessa memória sentimental da cidade de Juiz de Fora.

Para desenhar-se uma cartografia sentimental da cidade de Juiz de Fora, procurou-se entender o processo de reavivamento através da *fan page* “Maria do Resguardo” e, para isso duas linhas de atuação foram trabalhadas. A primeira delas será uma linha teórica que irá se debruçar sobre os eixos de discussão que o assunto suscita: o espaço urbano e sua configuração e o *Facebook* como espaço de trocas e avivamento da memória. A segunda linha de atuação será o estudo sobre o objeto empírico do nosso artigo.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/MariadoResguardo?fref=ts> / Acesso em 12 de jul. de 2013.

⁵ Disponível em: <http://www.mariadoresguardo.com.br/> / Acesso em 12 de jul. de 2013.

⁶ Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-Facebook-no-brasil/> Acesso em: 08 de jul. de 2013.

A metodologia da etnografia virtual foi utilizada na perspectiva de que a *Internet* é um contexto aberto para interações sociais onde as práticas, significados e identidades são mistos. Tais interações sociais em ambientes virtuais abrem um novo campo de investigação qualitativa. Visando avaliar os objetivos dos conteúdos postados e a receptividade dos interagentes, realizamos uma entrevista com o administrador da *fan page*, Marcelo Lemos.

Memória e Imagem na *fan page*

O álbum da *fan page* “Maria do Resguardo” com imagens que constituem a identidade visual da cidade não é apenas memória; é também ruína e rastros. Os rastros são a essência da memória. E os rastros, segundo Paul Ricoeur: “estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade” (RICOEUR, 2007, p. 434). No banco de imagens são resgatadas paisagens que se transformaram no passar do tempo ou não existem mais. As fotografias são vestígios das antigas memórias. Ao analisarmos as imagens, as percepções do conteúdo também se tornam uma nova memória a partir de ressignificações e apropriações de fotografias.

Esse sentimento memorialista de reviver uma Juiz de Fora a partir das fotografias “postadas” no computador por sujeitos traz uma aura cultural de uma cidade que habita no imaginário de seus habitantes. Esse afeto devotado a Juiz de Fora é um signo que precisa ser decifrado, especulado, desdobrado na busca de encontrar as figuras, tempos e espaços que constituem as pequenas histórias que marcaram a cidade.

Pierre Nora (1998) defende “os lugares de memória” ao afirmar que, se é necessário sacralizar a memória, é porque ela não existe mais. Ele acredita que se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Os lugares da memória resultam dessa tensão entre o vivido, o narrado, o registrado e o esquecido da maneira como a sociedade os reorganizam. As novas significações dependem do que se habita nos imaginários dos sujeitos com novas lembranças ou apagamentos.

Na perspectiva de Halbwachs (2003) toda memória é “coletiva”, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais ocorrem as lembranças. Até o momento, apenas os grupos hegemônicos dominavam os critérios do que deveria ser lembrado, portanto, até então, era mais fácil só vermos diagnosticada a memória oficial. Esse fenômeno é submetido a transformações constantes. Ao utilizar novas tecnologias da comunicação, como a

Internet, esse grupo social está imbuído em produzir registros de memória, que ajudam a construir a memória coletiva da cidade de Juiz de Fora: seus espaços e seus lugares.

A *fan page* “Maria do Resguardo” é um espaço de troca de lembranças, de memórias subjetivas das pessoas, de conhecimento, de histórias, que muitas vezes não fazem parte do registro oficial da cidade. Intelectuais, apaixonados pela cidade, cidadãos comuns, pesquisadores... Todos se reúnem na busca de fotos antigas que podem nunca terem sido vistas ou possuídas por muitas pessoas e que se condensam em verdadeiros baús que a comunidade abre para serem compartilhadas. Por isso, Halbwachs acredita que recorremos a testemunhos para reforçar ou esquecer ou para completar o que sabemos de um evento.

Assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos, nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente (HALBWACHS, 2003, p.29).

Além disso, o ato de rememorar é influenciado pelo presente, já que as memórias são afetadas pela subjetividade do momento atual: “a nossa vontade presente tem um impacto inevitável sobre o que e como rememoramos” (HUYSSSEN, 2004, p.69). Observamos, portanto, que até nos testemunhos a memória que habita interfere na memória do que realmente existiu e na autenticidade dos fatos narrados, já que: “narrativas são sempre o fruto da memória e do esquecimento, de um trabalho de composição e recomposição que traduz a tensão exercida sobre a interpretação do passado pela expectativa do futuro” (AUGÉ, 2001, p.49). Ao mesmo tempo, Pierre Nora (1998) acredita que esse estoque de memória serve para o que nos seria impossível lembrar, pois: “À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, [...]” (NORA, 1998, p. 15).

Em relação ao excesso de memória e valorização do passado, chegamos então ao conceito que gostaríamos de abordar: o de excesso de memória, preconizado por Andreas Huyssen. A sensibilidade memorial desde a década de 80, como observa Huyssen (2000) tem levado setores ligados à cultura a uma verdadeira obsessão pelo passado. Isso se dá porque a velocidade tem destruído o espaço, apagando a distância temporal. “Quanto mais memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, pronto para ser acessado na tela” (HUYSSSEN, 2000, p.74). E assim, esse excesso de informação e de

comercialização a que somos submetidos são causados pelo sentimento do medo de esquecimento. Por isso, tentamos combater esse sentimento com estratégias de rememoração pública e privada.

Vale considerar a máxima proposta pelo pesquisador colombiano Armando Silva de que o álbum tradicional feito com fotos de papel não morreu. “Persiste em formatos digitais alimentando a mais poderosa rede mundial de intercâmbios de cópias com as quais construímos a imagem de nós mesmos. Agora diante de nossa família-mundo” (SILVA, 2008, p. 13). E as memórias de lugares ligados através do coletivo digital “podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p.3). As trocas afetivas, melancólicas vão revelando memórias subterrâneas ou até desconhecidas da cidade. O imaginário de Juiz de Fora se encontra disperso em meio a essas novas manifestações da memória coletiva na recuperação da identidade da cidade.

Os comentários apresentados na *fan page* são permeados sob uma abordagem que leva em conta as atitudes, as trocas, as tradições, as alteridades e as práticas sociais das épocas pretéritas. “A narrativa está implicada colectivamente, [...] a presença do outro ou de outros é tão evidente ao nível da narrativa mais íntima quanto a do indivíduo singular ao nível mais abrangente da narrativa plural ou colectiva” (AUGÉ, 2001, p.53). Esse *boom* de imagens que vem se apresentando no *Facebook* revela a condição de angústia pela preservação da memória como resposta a aceleração do tempo, a fugacidade do contemporâneo.

Cidade e memória: a cartografia do espaço urbano no *Facebook*

A nostalgia virtual de páginas da web que resgatam a história da cidade e lançam debates sobre a antiga e a nova cidade mineira de Juiz de Fora nos faz lembrar as cidades e os símbolos comentados por Ítalo Calvino (1990). As cidades são códigos que pressupõem uma leitura (decodificação). As instituições são alguns dos signos que podem ser reconhecidos nas cidades. A cidade provoca um estranhamento porque existem espaços de cultura com orientações e reconhecimentos e também territórios de identidade e pertencimento.

Para Calvino, “confirma-se a hipótese de que cada pessoa tenha em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares”. Essa cartografia imaginária que busca engendrar uma possível

legibilidade das cidades é exposta por Renato Cordeiro Gomes (2008). A percepção urbana para o autor é de que a cidade é uma linguagem dobrada em busca de ordenação. Ele considera que “a memória condiciona a leitura da cidade na busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (GOMES, 2008. p.44). E complementa explicando que: “a relação homóloga entre a cidade e a memória faz-se pela redundância, pelo repetível, marca da Experiência, onde há repetição do que mais profundamente se esquece” (GOMES, 2008. p.44).

Observa-se que, devido ao crescimento expressivo do *Facebook*, ele comporta-se com características semelhantes à da metrópole, que aglomera inúmeras tribos e promove encontros e desencontros (LISIEUX, 2012, p.2). Ângela Prysthon utiliza os estudos de Janice Caiafa, para definir que a “vida metropolitana forçosamente implica numa constante sensação de deslocamento do homem dentro do mundo” (PRYSTHON, 2007, p.152). Stuart Hall nos chama atenção para ao conceito de deslocamento proposto por Ernesto Laclau (1990), onde uma “estrutura deslocada é aquela cujo o centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma ‘pluralidade de centros de poder’ ” (HALL, 2000, p.16). O mesmo autor explica que este deslocamento, característico da pós-modernidade, refere-se a sujeitos que assumem diferentes identidades em variados momentos, diferentemente do que ocorria na identidade moderna onde o sujeito possuía identidades fixas e unificadas.

Outra perspectiva é oferecida por Rolnik (2004, p.16) a respeito das representações da cidade: “na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel”. A autora trata da arquitetura enquanto registro da vida social e como consequência os próprios espaços tentam contar a sua história. Por isso ocorre essa demanda de memórias coletivas através da preservação de bens arquitetônicos. “Trata-se de impedir que esses textos sejam apagados, mesmo que, muitas vezes, acabem por servir apenas à contemplação, morrendo assim para a cidade que pulsa, ao redor” (ROLNIK, 2004, p.18). A manutenção da cidade provém do trabalho dos moradores e através das redes sociais os mesmos tentam preservar a memória de Juiz de Fora. É o que se comenta adiante, ao tratarmos da *fan page* “Maria do Resguardo” e das relações dos sujeitos com a vida pública pela rememoração.

Álbuns de fotos, álbuns de memórias

A *fan page* “Maria do Resguardo” possui vinte e oito álbuns de fotos, divididos aleatoriamente. Aparentemente, houve a tentativa de se categorizar as fotos, dividindo-as entre “bairros” e “centro”, “praças” e “teatros”, “panorâmicas”, “bondes” além de fatos marcantes para a cidade, como uma grande enchente que acometeu a cidade na década de 1940. No entanto, devido ao caráter colaborativo da *fan page*, as categorias acabaram por se confundirem.

Ao analisar-se as postagens e modos de interação com a *fan page*, observa-se um grande volume de “curtidas”, “compartilhamentos” e “comentários” nas fotos. Seus mais de dois mil integrantes participam ativamente da página, fugindo a uma tendência atual de se “curtir” páginas apenas com o objetivo de participar de sorteios e promoções.

Em entrevista cedida para as autoras deste artigo, o gestor da *fan page*, Marcelo Lemos, destacou que o levantamento das fotos que são postadas na página demanda tempo e investigação. Este trabalho leva a uma característica positiva desta *fan page*: A maior parte das fotos possui uma descrição bem detalhada, característica tal não muito comum devido ao imediatismo das informações normalmente compartilhadas nas redes sociais. Ocasionalmente, alguma foto é publicada sem descrição e o gestor solicita auxílio aos membros da página para localizar o endereço, data e situação que envolve aquela imagem.

Observa-se que em todas as fotos postadas pelo menos um comentário de caráter saudosista é realizado. Nas réplicas e trélicas dos comentários a valorização da Juiz de Fora pretérita é demonstrada. Também se observa uma insatisfação com a cidade atual que, segundo os comentários, não valoriza as relações sociais, como o bom relacionamento entre vizinhos, por exemplo.

Os usuários se interessam muito pelas pessoas que aparecem nas fotos. Tentam localizar a si próprios, a amigos, ou até mesmo a entes queridos já falecidos. O glamour de épocas pretéritas também é valorizado nos comentários onde os usuários demonstram acreditar que aqueles momentos eram mais bonitos que os atuais. Até mesmo as mulheres vistas como mais bonitas que as da atualidade.

As imagens que rememoram as linhas de trem de passageiros e do bonde urbano evidenciam o grande impacto da desativação deles no imaginário urbano de Juiz de Fora. Os

membros da página mostram sua insatisfação com uma atitude governamental que, segundo eles, destruiu a história para modernizar a cidade.

As fotografias que mais suscitaram interações na rede social são aquelas relativas ao “Cine Excelsior”, um cinema inaugurado em fevereiro de 1958. Desativado desde 1994 e colocado à venda à revelia, o Cine Excelsior foi considerado, até a década de 90, uma das melhores salas de cinema do Brasil. Em 2012, uma foto postada pela *fan page* “Maria do Resguardo” deste cinema foi visualizada por mais de 11 mil usuários e compartilhada por mais de 200. A partir desta foto, iniciou-se um movimento em prol da reabertura do espaço e pelo tombamento ou pela obtenção da Declaração de Interesse Cultural, liderado pela “Associação dos amigos do Cine Excelsior”. Até o presente momento, o processo de tombamento do prédio como patrimônio histórico da cidade não foi aprovado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e o prédio deste cinema encontra-se em demolição. Esta postagem sobre o “Cine Excelsior” serve como exemplo de como as interações via redes sociais podem levar a discussões que tenham como objetivo a preservação da memória monumental da cidade.

Expostas algumas características da *fan page* que se trabalha neste artigo, prosseguir-se-á para a análise da exposição e discussão da memória via *Facebook*.

A *fan page* como local de interação

Derivada do blog homônimo, a *fan page* “Maria do Resguardo” promove tanto a rememoração da cidade como também discussões sobre os impactos das alterações urbanas na afetividade da população local. As postagens de prédios já demolidos ou que estão abandonados revelam a revolta dos membros da página pelo descaso com a preservação do patrimônio histórico-cultural da cidade. Já as postagens sobre eventos, festividades e pessoas, demonstram um saudosismo por um período em que as relações sociais presenciais eram mais ativas, segundo os membros. A seguir, a Figura 1 mostra o visual da *fan page* Maria do Resguardo.



Figura 1: Visual da *fan page* “Maria do Resguardo” em 13 jul. 2013. Disponível em <https://www.facebook.com/MariadoResguardo?fref=ts> .

É necessário lembrar que o blog “Maria do Resguardo” (Figura 2) foi fundado em 2009, em Juiz de Fora, MG. Ele disponibiliza 5.000 imagens, tem 183 membros e possui mais de 220 mil acessos, no entanto, apesar de existir um local próprio para a postagem de “comentários” sobre as fotos, ele não promove a interação entre blog-visitantes e visitantes-visitantes pelo que se observou na página. Dessa forma, a criação da *fan page* foi fundamental para chegar até novos membros e interagir com aqueles já existentes.



Figura 2: Visual do Blog “Maria do Resguardo” em 13 jul. 2013. Disponível em <http://www.mariadoresguardo.com.br/> .

Sobre a migração ou existência paralela em diferentes mídias, destaca-se da reflexão de Henry Jenkins (2008) sobre a narrativa transmidiática que, segundo ele refere-se a um novo modelo que surgiu em resposta à convergência de mídias, captando as exigências dos consumidores e dependendo da participação ativa das comunidades de conhecimento. Para este autor, a velocidade que informações são partilhadas na rede conduz seus usuários a interagirem entre si, visando atingir um nível de conhecimento compartilhado. Para isso, Jenkins utiliza o conceito de comunidades de conhecimento de Pierre Levy. Para esse autor que refletiu sobre o advento da Internet, “novas formas do pensamento coletivo, novas formas de acesso ao conhecimento, vão acelerar o processo geral de emancipação. Mas não devemos achar que as coisas vão acontecer de forma mágica e imediata” (LEVY, 2001).

Dessa forma, ao aumentar as possibilidades de interação com o conteúdo geral do “Maria do Resguardo”, o gestor adequou-se às necessidades do seu público de interesse da mesma forma que possibilitou a visualização do conteúdo por um público inatingível somente pelo blog. Além disso, a criação da *fan page* garantiu uma rede de interações que possibilitou a manifestação de memórias individuais e coletivas. Sobre as novas interações promovidas pela rede social, André Lemos afirma que “devemos então reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas” (LEMOS, 2010, p.156). Aproveitando a possibilidade de transitar entre Blog e *Facebook*, o gestor do conteúdo “Maria do Resguardo” sempre disponibiliza links de um e de outro em suas postagens, o que incentiva o acesso ao Blog pelos membros da *fan page*, que são maioria.

Manifestação da memória

Analisou-se o conteúdo postado na *fan page* “Maria do Resguardo” durante uma semana, entre os dias 07 e 13 de julho de 2013 a fim de verificar como a memória se manifesta por meio das fotografias inseridas na *time line* da página. No dia 07 de julho, domingo, não houve postagens.

No dia 08 uma fotografia do time do Tupi Futebol Clube em janeiro 1952 foi postada. Esta foto (figura 3) foi compartilhada por 21 pessoas e curtida por 45. Nos comentários, os membros tentam reconhecer o local e os jogadores que compunham o time. Além disso, é lembrado o período em que o preconceito ainda reinava na cidade e os negros não eram bem

vindos em times de futebol. A memória da discriminação também é levantada por uma usuária: “nos anos 50 ou um pouquinho antes negros não subiam a parte superior da Halfeld e Marechal (acho que à noite), não subiam não. Até eram agredidos se subissem. Tive um pai nascido em 1900.”⁷ Também nesta data, foi postada uma foto da Av. Rio Branco Praça do Riachuelo, em maio 1965. 46 pessoas curtiram a foto e 24 compartilharam. Nela os usuários lembram o “jardim de infância” e dos bondes da cidade: “Dá para se ver o trilho dos bondes, quanta saudade...”.



Figura 3: Imagem postada pela *fan page* “Maria do Resguardo” em 08 jul. 2013.2.

A terceira foto publicada em 08 de julho não foi identificada pelo gestor da página. A imagem mostra uma reunião de pessoas em um salão amplo (Figura 4). Um dos membros auxiliou na identificação do local: “Acredito que seja o Cine São Luis. Nota-se os globos luminosos ao fundo. E o único cinema que, em 1955, dava frente para uma praça era o S. Luis, em frente à Praça da Estação.” A quarta imagem publicada nesta mesma data mostra um casamento realizado em 29 de dezembro de 1973. Houve um compartilhamento e 9 curtidas. A identificação do local também foi feita por um dos membros da *fan page*, desta vez, sem nenhum comentário de caráter afetivo.

⁷ Rua Halfeld: uma das principais ruas do centro de Juiz de Fora, MG. Nela encontra-se o Parque Halfeld e calçadão que concentra grande parte do comércio local. Marechal - Rua Marechal Deodoro, rua situada no centro de Juiz de Fora, paralela à Rua Halfeld, com grande concentração de comércio.



Figura 4: Imagem postada pela *fan page* “Maria do Resguardo” em 08 jul. 2013.

A última fotografia postada em 08 de julho de 2013 é de uma rua não identificada pelo gestor da *fan page* e que possui uma vista panorâmica da cidade. Compartilhada por 12 membros e curtida por 24 o local retratado foi identificado colaborativamente pelos membros. As memórias da infância no local foram manifestadas por um membro: “nossa eu brincava muito de corrida nessa rua. Por ela ser inclinada a gente descia correndo... Já machuquei muito brincando disso”.

Em 09 de julho de 2013 a *fan page* “Maria do Resguardo” postou uma série de fotografias do festival “A voz do Bairro”, evento promovido pela Rádio PRB3, em janeiro de 1956. As fotos mostram individualmente as cantoras que participaram do evento. Elas não foram compartilhadas nem comentadas. Alguns membros as curtiram. Também nesta data o gestor adicionou uma foto do frigorífico Atlântico, inaugurado, em janeiro de 1956. Esta foto foi curtida por 22 pessoas e compartilhada por 5. Não houve nenhum comentário. É relevante observar, por meio das interações dos membros da *fan page*, como as fotos que destacam pessoas individualmente não despertam tanto interesse nos usuários como as fotos de locais e prédios da cidade. As fotos individuais suscitam a memória familiar, aquela que não é compartilhada por membros exteriores. Já as imagens de locais públicos instiga a memória coletiva, aquela compartilhada por membros da comunidade.

Na quarta-feira, dia 10 de julho, não houve publicações na *fan page*. Já na quinta-feira, dia 11 de julho, foi postada uma fotografia de uma luta de boxe no Telecatch, em julho 1955 (Figura 5). 14 pessoas curtiram a foto e apenas uma compartilhou. Nenhum comentário foi feito sobre uma fotografia em que várias pessoas aparecerem e o local não foi identificado. Também

nesta data foi postada uma foto da Praça do Riachuelo em homenagem ao soldado, em julho 1955. O único comentário feito diz que a praça era mais bonita naquele período. Esta foto foi compartilhada por 14 membros e curtida por 37.



Figura 3: Imagem postada pela *fan page* “Maria do Resguardo” em 11 jul. 2013.

Uma grande atividade na *fan page* foi levantada pela postagem de uma foto de pessoas em frente a um ônibus na antiga rodoviária, situada à Av. Getúlio Vargas esquina com Rua São João, em julho 1955. Esta fotografia foi curtida por 99 membros e compartilhada por 44. Nos comentários, os usuários lembram a história da empresa que fazia o trecho Juiz de Fora-Rio de Janeiro e até inserem descrições dos ônibus utilizados naquela época. As roupas das senhoras que aparecem na foto também rememoram os períodos estudantis e promovem a interação com outras páginas: “Se não me engano esse uniforme era da *ESCOLA NORMAL OFICIAL*”. Mais uma vez, a postagem que rememora um local que não mais existe por onde passaram inúmeras pessoas é aquela que desperta maior interesse no público da *fan page*.

Na sexta-feira, dia 12 de julho, aconteceu a última postagem de foto na *fan page* (Figura 6), no período estudado pelas autoras. O autor ficou em dúvida quanto ao endereço do local: “Bairro Bairu, Rua Severino Belfort ou Rua dos Inconfidentes, em junho 1969”. Com o auxílio de um membro, foi definido que se trata da Rua dos Inconfidentes, antiga Rua da Divisa. Esta foto, que mostra algumas crianças perto de uma obra, foi compartilhada por 24 pessoas e curtida por 21. Novamente, os comentários de caráter afetivo vêm à tona: “Nossa que maneiro é muito legal a gente poder ver como era ali antigamente... poxa eu nasci ali...”.



Figura 4: Imagem postada pela *fan page* “Maria do Resguardo” em 12 jul. 2013.

É preciso destacar que em todas as postagens o gestor da *fan page* insere link para o Blog nos comentários, no entanto, o Blog não oferece nenhuma informação adicional.

Conclusões preliminares

Após a investigação a fundo da *fan page* “Maria do Resguardo” e comparação entre o conteúdo disponibilizado pelo Blog homônimo, observa-se que ambos dispõem do mesmo acervo fotográfico e são sincronizados. Além disso, o gestor de ambas as mídias busca constantemente promover a interação entre elas.

Observa-se que a *fan page* é capaz de atingir um público bem mais extenso que o Blog. Isso pode ser ocasionado pelas ferramentas disponibilizadas pela rede social *Facebook*. Por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, os usuários difundem os temas em questão com uma velocidade muito maior do que aconteceria somente com as postagens do Blog.

A partir das postagens, os membros da *fan page* manifestam suas memórias individuais e discutem também as memórias coletivas. Locais públicos, prédios, meios de locomoção e eventos são destacados quando já não existem mais. A impossibilidade de visitar um local ou participar de uma situação cotidiana no pretérito gera uma grande nostalgia entre os usuários.

A rememoração também serve como motivação para buscar a preservação do patrimônio histórico/cultural da cidade, como foi o caso do movimento “Amigos do Cine Excelsior”.

Foi impossível detectar neste estudo a motivação que leva os membros da *fan page* a curtir, compartilhar e comentar as fotos postadas. Identificou-se que há maior interação nas imagens que retratam lugares e prédios que já não existem mais. Entretanto, para maior detalhamento do perfil dos membros e das motivações que levam à manifestação da memória, seria necessário um trabalho mais detalhado e extenso.

Explicitaram-se as evidências de manifestação da memória nesta rede social que cada vez mais se expande pelo país. Estudar como a memória vem à tona nos novos meios de comunicação pode levar a trabalhos que garantam a preservação da mesma e que direcionem campanhas para este público em específico.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Almada : Íman Edições, 2001.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESTADAO. **Números do Facebook no Brasil**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-Facebook-no-brasil/> Acesso em: 08 de jul. de 2013.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____; MARGATO, Izabel (orgs.). **Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 4ª edição – Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo; Aleph, 2008.

LEMOS André. **Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade**. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 2, n. 2. 2010. Disponível em www2.pucpr.br/reol/index.php/URBE?dd1=4469&dd99=pdf. Acesso em 08 mai.2012.

LEVY, Pierre. **Entrevista Roda Vida**. Memória Roda Viva. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/entrevistados/pierre_levy_2001.htm. Acesso em 20 abr. 2012.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. **Projeto História** n.17. São Paulo: PUC, novembro de 1998.

OLIVEIRA, Daniella Lisieux de. **Facebook e Cidade**: quando as características das relações do mundo real invadem a esfera virtual. Intercom - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0834-1.pdf>. Acesso em 12 jul. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PRYSTHON, Ângela. **A grande aventura urbana**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, p. 151-153, jun. 2007.

RABELLO, Rafaella Prata; MUSSE, Christina Ferraz. **Maria do Resguardo**: o blog como lugar da memória de Juiz de Fora. IV Encontro Nacional da Ulepicc - Brasil – Rio de Janeiro-RJ. 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.